

# **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A QUESTÃO DA HISTÓRIA NO PENSAMENTO DE MAX WEBER E MICHEL FOUCAULT.**

André Luiz Martins da SILVA (bolsista PIBIC/CNPQ)-Parakaleo@ig.com.Br

**Curso de Ciências Sociais, centro de Filosofia e Ciências humanas.**

## **RESUMO**

Este artigo é extraído do trabalho de conclusão de curso, resultante dos três anos de iniciação científica, no qual fui bolsista (PIBIC/CNPQ). Seu objetivo é levantar, através da questão sobre a História, uma possibilidade de diálogo entre o pensamento de Max Weber e o de Michel Foucault. Tentou-se estabelecer uma mediação de cunho teórico que visasse aproximar as reflexões destes autores, sem com isso, estabelecer uma certa "continuidade" do pensamento de um, em relação ao outro. Por meio de algumas passagens de obras dos respectivos autores, estabelecemos uma certa afinidade temática entre ambos, isto é, como a questão da história iluminou os diferentes pensamentos de Weber e Foucault. Neste sentido o artigo tem um caráter, eminentemente, exploratório e especulativo. A preocupação na feitura do artigo é mostrar uma possibilidade de trabalhar em pesquisa de iniciação científica em ciências sociais com um diálogo entre referencial teórico e pesquisa empírica, buscando uma ampla compreensão tanto de um, como de outro.

## **ABSTRACT**

This article is extracted of the work of course conclusion (TCC), resultant of the three years of scientific initiation (IC), in which I was scholarship holder (PIBIC/CNPQ). Its objective is to raise, through the question on History, a dialogue possibility between the thought of Max Weber and of Michel Foucault. It was tried to establish a mediation of theoretical matrix that aimed at to approach the reflections of these authors, without with this, to establish a certain "continuity" of the one thought, in relation to the other. By means of some passages of the works of the respective authors, we establish a certain thematic affinity between both, that is, as the question of history illuminated the different thoughts of Weber and Foucault. In this sense, the article has a character, eminently, speculative and exploratory. The concern in the elaboration of the article is to show a possibility to work in research of scientific initiation in social sciences with a dialogue between theoretical referential and empirical research, searching an ample understanding in such a way of one, as of another one.

Temos como objetivo neste breve artigo tecermos algumas considerações de ordem teórica<sup>1</sup> que foram de máxima importância para os três anos de iniciação científica, experiência que culminou na feitura do trabalho de conclusão de curso com o título: *Teologia ecumênica uma teologia política? Um estudo sobre as práticas sociais do saber teológico do ecumenismo em Belém do Pará*. Neste sentido, este artigo é um fragmento do citado trabalho que foi adequado para a forma de artigo com o interesse de expor como o referencial teórico escolhido podia ser articulado ao trabalho de coleta de dados realizado.

Pretende-se desta feita estabelecer uma breve discussão sobre uma questão que segundo pensamos perpassa o pensamento de Max Weber e Michel Foucault, isto é, a questão da história, ou melhor, como estes pensadores, com diferentes modos de pensar a sociedade, parecem ter uma possível convergência temática no que concerne à problematização sobre a História. Partir-se-á, primeiramente, da tríade conceitual weberiana acerca das relações de poder e, em seguida, se passará a um texto de Foucault no qual ele trata, especificamente, da questão acerca do sentido da História. Posteriormente, faremos uso de algumas passagens nas quais Max Weber realiza sua problematização sobre as relações entre História e sociologia, chegando ao seu diagnóstico do “*desencantamento do mundo*”(die *Entzauberung der Welt*), profundamente marcado por sua concepção de História do ocidente. O fio condutor que situa a reflexão dentro destes diferentes elementos do pensamento weberiano é estar ciente que existe uma questão maior que dá unidade à sua obra. Esta questão de cunho teórico-metodológico é o significado do processo de racionalização no ocidente. O processo de racionalização em Weber é muito mais amplo que a noção de

---

<sup>1</sup> No trabalho de conclusão de curso buscamos através do método compreensivo, ampliar nosso entendimento acerca do mesmo e, com isso, nos utilizarmos mais adequadamente deste para futuras pesquisas.

desencantamento do mundo, contudo, estes conceitos não podem ser desvinculados no que tange ao conjunto da obra de Weber, pois, às vezes surgem como correlatos em diferentes passagens de algumas obras de Weber como, por exemplo, na Ética protestante e na Ciência como Vocação.

Neste percurso sobre as respectivas considerações sobre a História tiveram diferentes implicações no modo como, por exemplo, irão compreender as relações de poder<sup>2</sup> na sociedade moderna. Na sociologia política de Weber, resumidamente, o poder é de consistência aquosa, de difícil especificação sociológica. É bom lembrar que fazem parte do aparato conceitual weberiano no que tange a sua sociologia política a tríade conceitual de *poder*, *dominação* e *disciplina*. Esta tríade de conceitos lança luzes sobre o que para Weber estaria fundamentando as ações sociais; sendo a dominação aquela de maior precisão quando se trata de estudos de ordem empírica, é possível identificar, em maior ou em menor grau, sua presença na ação de relações de dominação.

*“A dominação, como conceito mais geral e sem referência a algum conteúdo concreto, é um dos mais importantes elementos da ação social. Sem dúvida nem toda ação social apresenta uma estrutura que implica a dominação. Mas, na maioria de suas formas, a dominação desempenha um papel considerável, mesmo naquelas em que não se supõe isto à primeira vista”.*(WEBER: 2000, p.187)

Como dito acima, fica evidente que o conceito de dominação é sociologicamente mais viável, pois, apresenta uma gama de exemplos do ponto de vista empírico, já o conceito de poder, é, na maioria das vezes, utilizado por Weber como complementar àquele. Isto quer dizer, que, em Weber, o poder não é propriedade, pois não tem uma forma que emane de uma certa concepção de *“contrato social”*; isso nos remete a outro

---

<sup>2</sup> No que diz respeito à sociologia política de Max Weber as relações sociais só podem ser entendidas no contexto de uma relação social com sentido, evidentemente que o conceito de poder em Weber como ele mesmo diz é “amorfo”, isto quer dizer que ele não circunscreve o poder a um local, como se ele emanasse de algum lugar ou de alguém, neste sentido, o poder como Weber conceitua pode se dar nas mais variadas relações, mesmo naquelas que fogem à circunscrição do Estado. Vemos, desta forma, que poder para Weber não emana de um contrato. *“Poder significa toda probabilidade de impor a própria vontade numa relação social, mesmo contra resistências, seja qual for o fundamento dessa probabilidade”.*(WEBER: 2000 p.33).

conceito referente à sociologia política, isto é, à disciplina. Ela tem como uma de suas mais importantes características (...) *o adestramento mecanizado e o encaixamento do indivíduo em um mecanismo inescapável, que exige seu ‘acompanhamento’ e que o incorpora à formação global, por assim dizer, ‘automaticamente’...*”(WEBER: 2000p 187.). Como observado, as técnicas de disciplina podem se desenvolver nas diversas relações sociais, inclusive aquelas de conteúdo expressamente religioso; um exemplo dado por Weber se refere aos exercícios espirituais da Ordem de Santo Inácio de Loyola.

Passamos agora a expor como Weber e Foucault podem ser aproximados. Esta aproximação não tem como objetivo fazer um estudo que busque mostrar como Foucault faz utilização de Weber, se é que faz em sua obra. Esse empreendimento é por demais hercúleo para um pequeno artigo. Muito louvável seria um estudo de tal magnitude, pois, ajudaria na compreensão, tanto de um autor, como de outro, mas, devemos ressaltar que não ambicionamos de forma alguma que nesta breve discussão se sinalize em tal direção visto que nos faltam o rigor e a habilidade para um empreendimento tão gigantesco.

O primeiro texto de que lançamos mão é “*Nietzsche, a genealogia e a história*”; nele, Foucault evidencia o fio condutor de sua perspectiva sobre a História e, de certa forma, o modo de sua utilização à prática do historiador. Devemos ressaltar que Foucault irá discutir alguns termos que Nietzsche utiliza, propositalmente, para se distinguir da forma metafísica que pode dominar o conhecimento histórico, impedindo que se faça uma interrogação crítica a respeito do que acontece no presente.

Entre os termos que definem a empreitada da genealogia, como forma de fazer vir à tona a história efetiva, que difere daquela dos historiadores, encontra-se o termo *emergência (Entstehung)* que, de acordo com Foucault, é um dos termos usados, de forma estratégica, por Nietzsche para não fazer uso do termo *origem (Ursprung)*. Para Foucault, Nietzsche usa às vezes este termo de forma arbitrária, mas, na maioria das vezes seu uso é estratégico e visa denunciar a história dos historiadores que possui o vício de se apoiar em fundamentos metafísicos para sustentar seu trabalho histórico. Em Foucault, a pesquisa da *emergência* permite à genealogia dissociar as unidades que a

história tradicional unificou deixando-as intocáveis como verdadeiras pedras angulares do conhecimento histórico. Assim que Nietzsche, para Foucault, em vez de usar o termo origem em suas análises, o substitui ou por *emergência (Entstehung)* ou *proveniência (Herkunft)*.

O emprego destes dois termos em Nietzsche é tão acentuado que eles se encontram em uma perspectiva completamente oposta ao “sentido histórico”, na história dos historiadores, e que adquire outro contorno na história efetiva. Naquela, o sentido histórico era algo solene, como se a história fosse provida de um sentido, que paulatinamente se desvelaria ante o olhar imparcial do historiador, já a história efetiva, como visto acima, põe em circulação tudo aquilo que se julgava sem História, ou como base, para se conhecer a História, indicando que nem a História escapa da máquina genealógica construída por Nietzsche. Resumidamente, pode ser dito que não há nenhum sentido histórico que seja um fim último e imutável, muito pelo contrário, falar em sentido histórico, de acordo com a genealogia, como modo crítico de feitura da história, é mostrar como se dá o aparecimento da descontinuidade: “... o sentido histórico escapará da metafísica para tornar-se instrumento privilegiado da genealogia se ele não se apóia sobre nenhum absoluto”.(FOUCAULT: 1997, p27)

É bom que seja mencionado outro texto de Foucault, cuja argumentação é uma explanação sobre o que caracteriza a perspectiva nietzscheana sobre a história, o texto a que nos referimos é intitulado “*A verdade e as formas jurídicas*”. Nele, especificamente, em sua primeira conferência, Foucault faz menção a uma história política do conhecimento. E, mais uma vez, ele se ancorará em Nietzsche como modelo de análise histórica e, novamente, se contraporá às infiltrações metafísicas que poluem a história, não permitindo que o historiador realize uma interrogação sobre a história do presente. Em sua apreciação acerca da emergência do conhecimento, como resultado de lutas políticas, Foucault dá uma boa demonstração da genealogia em ação e que, de alguma forma, ajuda a que se compreenda o que significa fazer uma pesquisa cujo alvo é ser genealógica. “*O próprio sujeito de conhecimento tem uma história, a relação do sujeito*

*com o objeto, ou, mais claramente, a própria verdade tem uma história*”.(FOUCAULT: 1999 p.11).

Citamos estes dois textos, porque consideramos que neles se encontram bons motivos para que acentuemos, que tanto Foucault como Max Weber mantêm relações com Nietzsche no que se refere à sua concepção sobre a história. Já mencionamos que Foucault faz um extenso estudo sobre os termos que Nietzsche opõe explicitamente à origem, talvez aí resida uma convergência temática no que concerne às respectivas concepções de história, tanto de Foucault como de Weber, que, como se evidencia, são tributárias do pensamento nietzscheano. Mas elas não devem ser vistas como simétricas, no sentido de serem complementares. Muito curiosamente o termo emergência aparece na obra mais conhecida de Max Weber, *“A ética protestante e o espírito do capitalismo”* como uma forma de Weber buscar uma resposta sobre a especificidade do processo de racionalização ocorrido no ocidente, este termo permite ainda entendermos que para Weber a racionalização não é um sentido inerente ao ocidente no que diz respeito à origem de nossa civilização. Há também por parte de Weber uma certa preocupação em fazer uma problematização sobre a história do presente.

*“Assim, numa história universal da cultura, mesmo de um ponto de vista aparentemente econômico, não é, em última análise, o desenvolvimento da atividade capitalística como tal, diferindo nas diversas culturas apenas quanto à forma... É antes a origem (entstehung) desse sóbrio capitalismo burguês com sua organização racional do trabalho. Ou em termos de história da cultura, é o da origem (entstehung) da classe burguesa ocidental e suas peculiaridades, um problema que está com certeza estritamente ligado ao da origem (entstehung) da organização capitalista do trabalho, embora não se trate da mesma coisa. Pois os burgueses como classe existiam antes do desenvolvimento das formas peculiares de capitalismo, embora, de fato, apenas no hemisfério ocidental”* (WEBER: 2001 p.30).

Nesse curto fragmento do texto de Weber, citado sem nenhuma arbitrariedade, se evidencia sua recusa a uma História Universal, ela é insuficiente para dar conta das especificidades, ou *multiplicidades de forças* que foram responsáveis pela emergência do capitalismo, ou melhor, do ethos capitalista. Em outra parte do mesmo texto, Weber se preocupa em demonstrar como não havia nenhum tipo de fim pré-determinado para que o capitalismo se consolidasse, antes, uma *multiplicidade de forças que se chocaram* é que o engendraram e são algumas destas forças que Weber quer marcar (deixar que emergjam)

em sua obra. Esse tipo de posicionamento concernente à história, de acordo com alguns comentadores da obra de Weber, é fruto de uma apropriação, feita por ele, de Nietzsche<sup>3</sup>.

*“Weber repudiou claramente a noção de evolução, qualificando-a de ‘escroqueria romântica’. Não queria ouvir falar dessa noção, nem sob sua forma dialética, nem sob sua forma organológica. Essa atitude negativa traduz sua renúncia a toda e qualquer história universal, história que ele pretendia substituir por uma sociologia comparativa onde apenas os fenômenos paralelos desempenhariam algum papel e não linhas laterais de evolução”.*(FLEISCHMANN: 1977, p.149)

A noção de história em Weber está articulada com sua compreensão a respeito do processo de racionalização ocidental, que é um dos elementos que ele procurou demarcar em todas as suas pesquisas, principalmente, seus estudos sobre as religiões mundiais. O que de mais característico se apresenta em sua concepção de racionalização é que para Weber nem mesmo este processo pode ser visto como um sentido último que significaria a história ocidental, muito pelo contrário a racionalização tem uma história, ou ainda, histórias.

Assim, com a utilização de Nietzsche em sua obra, Weber se desvincula de uma pesquisa histórica da origem, para se filiar a uma pesquisa ancorada na *concepção nietzscheana de emergência* que também cintila na obra de Foucault como já foi mencionado acima. Weber está preocupado em mostrar como se deu a formação do ocidente moderno, que se pretende universal, mas, que tem um momento de emergência saturado de História.

*“Entendemos bem a questão, distinta daquela do determinismo histórico. Não se trata de saber se, na opinião de Weber, a emergência (grifo nosso) de certa forma particular de civilização que realiza o ocidente moderno era historicamente inelutável. Certamente, o conceito weberiano de história, construído sobre as ruínas de toda a escatologia religiosa, assim como dos seus diversos avatares metafísicos, exclui toda idéia de um desenvolvimento necessário cujo fim prescrito desde sempre fosse esta civilização”.* (COLLIOT-THELENE: 1995, p.75)

Considerando esta citação, fica evidente que, no pensamento weberiano acerca da história estão inscritas as marcas do pensamento de Nietzsche. Até no comentário feito

---

<sup>3</sup> Uma das comentadoras da obra de Weber Catherine Colliot-Thélène, fazendo uso de estudos já realizados acerca da influência de Nietzsche sobre o pensamento de Weber, diz que por volta de 1895-96 é perceptível uma certa mudança de linguagem na obra de Weber que de acordo com uma carta dele à sua mulher de 26 de julho de 1894 situa a primeira leitura sistemática que ele fez de Nietzsche entre 1893 e 1894. (COLLIOT-THELENE: 1995, p.46)

pela comentadora da obra de Weber se faz uso do termo emergência, destacando, desta forma, que ele faz uso do termo à moda nietzschiana, sendo este mais ajustado à sua concepção de história, dando a entender que o termo origem não só não consta, como, também, se opõe à empreitada weberiana de história do ocidente, sendo até repudiado como forma de fazer a história.

Em se tratando do uso da História em Weber que se dá através de seus conceitos, os tipos ideais ele, mostra como se dá a gênese destes conceitos que, como se pode perceber, não têm afinidade com o mundo a conhecer. O que implica em dizer que eles se configuram como um esforço para organizar o “caos” que é o mundo empírico; o real é carente de uma ordem que se compatibilize com qualquer que seja o arranjo de conceitos que lhe sejam atribuídos. Esse é para Weber um pressuposto que o acompanhará até culminar nos estudos que se referem à teoria da ciência. Tal precaução, também, é muito usada por estudiosos que procuram vincular o método compreensivo weberiano às críticas de Nietzsche ao conhecimento.

Após apresentarmos alguns poucos aspectos do pensamento de Weber, que encontram apoio no seio do pensamento de Nietzsche, aspectos que já foram alvo de estudos de pesquisadores que procuraram perceber as conexões existentes entre estes autores, posteriormente voltaremos a outras ressonâncias que ainda precisam ser ressaltadas. Mas, não podemos nos desgarrar de nosso interesse de pesquisa que é justamente a utilização de Weber articulada com Foucault, para isso julgamos que já existem elementos substanciais para que avancemos um pouco mais na justificativa de aproximar os dois autores. Devemos fazer então menção ao estudo da autora Sandra Coelho de Souza, que em seu trabalho sobre a obra de Foucault faz referência em relação a algumas citações feitas por ele sobre Weber: “*que se pense em Hegel, em Nietzsche. “Que se pense nos ‘pós-hegelianos, na escola de Frankfurt e em Lukacs, passando também por Feuerbach, Marx, Nietzsche e Weber’. Foucault lembra as múltiplas análises que serviram de apoio à questão filosófica do que foi o Aufklärung...*” (SOUZA: 2000 p.71-72).

É bom que se diga que nesta passagem do texto de Sandra Souza ela faz referência à utilização do texto de Kant “O que é o esclarecimento?”, por parte de Foucault, nele é possível identificar a preocupação de Kant que diz respeito a uma interrogação sobre o presente. É incômodo com o presente que é registrado por Kant e é essa uma das ferramentas críticas da qual Foucault tira proveito para demonstrar que aí se encontra a tarefa filosófica dos nossos dias. Entre os autores listados por Foucault, que se filiam a esta tradição, se encontra Max Weber, que para a autora significou uma das múltiplas abordagens sobre o presente encontradas em Foucault. Na esteira da interrogação kantiana, Foucault deixa muito evidente que ele não é o primeiro a fazer esta interrogação em articulação com o texto de Kant, pois há toda uma tradição de pensamento que se filia a esta forma de interrogação sobre o presente. Neste sentido, pode ser dito a abordagem weberiana é uma das interrogações críticas acerca do presente, sendo um dos desdobramentos da questão kantiana a respeito do *esclarecimento* no ocidente

Semelhante preocupação perpassa o pensamento weberiano, só que evidentemente não por meio do mesmo enfoque, mas uma coincidência é que mesmo percebendo que a racionalização ocorrida no ocidente tem pretensões universais, como um destino inevitável do ocidente, mesmo assim é possível identificar que em Weber, “esse destino inevitável”, é uma forma de mascarar que a racionalização não é um processo homogêneo, e muito menos contínuo.

*“Ao estudarmos qualquer problema da história universal, o produto da moderna civilização européia estará sujeito á indagação de quais combinações de circunstâncias se pode atribuir o fato de na civilização ocidental, e só nela, terem aparecido fenômenos culturais que, como queremos crer, apresentam uma linha de desenvolvimento de significado e valor universais”.*(WEBER: 2001 p.21).

Podemos então dizer que, em Weber, a razão ocidental teve seu nascimento a partir do desrazoável, para isso ele se deterá em compreender como se deu a racionalização das condutas a partir de elementos não racionais como por exemplo o ascetismo intramundano calvinista.

Em se tratando da questão de interrogação do presente, evocada por Foucault em um de seus textos mais conhecidos, ele textualmente expõe sua utilização da genealogia nietzscheana, para fazer: “A *história dessa microfísica do poder punitivo seria então uma genealogia da ou uma peça para uma genealogia da ‘alma’ moderna. A ver nessa alma os restos de uma ideologia, antes reconheceríamos nela o correlativo atual de uma certa tecnologia do poder sobre o corpo*”.(FOUCAULT: 2004, p28).

“Fazer a genealogia dos valores, da moral, do ascetismo, do conhecimento não será, portanto, partir de sua ‘origem’, negligenciando como inacessíveis todos os episódios da história; será, ao contrário, se demorar nas meticulosidades e nos acasos dos começos; prestar uma atenção escrupulosa à sua derrisória maldade; esperar vê-los surgir, máscaras enfim retiradas, com o rosto do outro; não ter pudor de ir procurá-las lá onde elas estão, escavando os *basfond*; deixar-lhes o tempo de elevar-se do labirinto onde nenhuma verdade as manteve jamais sob sua guarda”.(FOUCAULT: 1997, p.19).

O movimento da genealogia é o da espiral, isto significa dizer que ele parte não de um começo fixado em uma certa “continuidade” histórica, ou de um fluxo dialético no qual cada momento precedente representa a superação daquele que o antecedeu. Como Foucault nos mostra é preciso fazer a história dos elementos que estão na base da subjetividade ocidental e não se deixar seduzir por esta subjetividade; a genealogia foucaultina exorciza a origem da história, ou seja, a história não tem nenhuma verdade aprisionada.

Passamos agora a desenvolver, a partir de algumas citações que fazem referência às ressonâncias do pensamento de Nietzsche sobre a teoria dos tipos ideais de Weber. E, através destas ressonâncias, encontrar uma aproximação de Foucault que esteja também ancorada na utilização que ele faz de Nietzsche.

Existem estudos que procuram fundamentar as contribuições de Weber para questões de ordem teórica que se referem à construção de conceitos que sejam aptos para conhecer o real empírico. A contribuição weberiana se dá em mostrar, fundamentalmente,

como se dá a gênese dos conceitos por ele usados em seus trabalhos. Os tipos ideais como Weber os explicita em sua obra, são uma forma de ordenamento do caos empírico, pois, a realidade que compõe este caos é muito mais rica que esses conceitos, que terminam por encapsulá-la, mas mesmo esse paradoxo insuperável requer que se compreenda como os conceitos são inventados pelo pesquisador.

*“Weber, a construção da noção de tipo-ideal articula-se diretamente com a crítica da noção de lei - o que, aliás, neste diálogo, poderia ajudar-nos a aprofundar a relação, não tão óbvia, em Nietzsche, entre a crítica da linguagem e a da lei. O tipo ideal parece enquadrar-se na discussão de Nietzsche sobre a linguagem, antes de mais nada porque é: A) uma utopia; B) inevitável; C) extremado.” (VELHO: 1995, p.82)*

Como já foi anteriormente mencionado a noção de tipo ideal em Weber não resulta de um conhecimento científico necessário, que justificaria conhecer o mundo. Antes, porém, o tipo é o resultado de uma incompatibilidade entre o conceito e o mundo, daí ser possível verificar a necessidade que o tipo apresenta de estar a todo o momento sendo inquirido sobre sua validade.

Há uma passagem de um texto de Nietzsche em que Otávio Velho acima citado faz uma afirmação que consistiria em dizer que Weber seria devedor da contribuição que Nietzsche legara acerca da compreensão dos conceitos, que são muito mais um meio do que um fim.

*“Pensemos ainda na formação dos conceitos. Toda a palavra torna-se logo conceito quando não deve servir, como recordação, para a vivência primitiva, completamente individualizada e única à qual deve seu surgimento, mas ao mesmo tempo tem de convir a um sem-número de casos, mais ou menos semelhantes, isto é, tomados rigorosamente, nunca iguais, portanto, a casos claramente desiguais. Todo conceito nasce por igualação do não-igual”.* (NIETZSCHE: 2000 p.56).

Para Otávio Velho, há nesta passagem uma espécie de constatação que desnuda toda e qualquer tentativa de fazer dos conceitos algo que eles não são. Assim, por essa lição nietzscheana sobre a formação de um conceito busca-se registrar o caráter de utilidade que se fixa à prática da conceituação, não há aí nenhuma indicação que se refira à verdade ou não do conceito. Nesta constatação de Nietzsche estaria a ponte para filiar a concepção weberiana de tipo-ideal ao pensamento nietzscheano.

O pesquisador tem que estar apercebido de que os conceitos por ele elaborados exaurem, por um lado, as diferenças que são específicas aos fenômenos e, por outro, são de extrema utilidade para o pensamento. A única ressalva que VELHO faz, com relação à diferença na utilização desta constatação, é que aquilo que em Weber se encontra separado, como questões relativas ao método e em relação ao poder, em Nietzsche essas questões aparecem juntas.

*“Portanto a construção de tipos-ideais abstratos não interessa como fim, mas única e exclusivamente como meio de conhecimento. Qualquer exame atento dos elementos conceituais da exposição histórica demonstra, no entanto, que o historiador – logo tenta ir além da mera comprovação de relações concretas, para determinar a significação cultural de um evento individual, por mais simples que seja... construções conceituais deste tipo, mediante as quais procuramos dominar a realidade por meio da reflexão e da compreensão, deverá ser determinado mediante a descrição...”* (WEBER: 2001 p.144).

Toda tentativa do historiador de ir além dos limites que seu saber conceitual que lhe permite se configura, de acordo com Weber, em um esforço inútil. Outro elemento revelador contido nesta passagem é justamente a incompatibilidade entre os conceitos tipos-ideais e a realidade, incompatibilidade no que se refere a uma relação de dominação que perpassa o conhecimento da realidade. Assim, vemos que enraizado nessa afirmação do próprio Weber fica patente sua noção de perspectivismo relativo ao conhecimento produzido pela sociologia compreensiva, que é um desdobramento do que ele chama de “*politeísmo de valores*” justifica a escolha do objeto de análise. Estes valores se digladiam uns aos outros, para que deles venha a emergir o vencedor, que nem sempre é o mais forte.

Esse politeísmo é ponto de partida para dominar a realidade por meio dos tipos-ideais, vemos que esta noção weberiana é fruto de um afrontamento entre valores irreconciliáveis e, indefinidamente, belicosos. Percebemos então dois mundos que cercam o conhecimento empírico da realidade pretendido por Weber, um é o mundo objetivo da ciência causal e o outro é o mundo subjetivo dos valores extracientíficos. Parece que ambos os mundos se opõem, mas, também parecem estar irrevogavelmente unidos ou mesclados, como se aí se encontrasse também a condição do homem moderno, com sua conduta de vida racionalizada e, que, entretanto, não encontra justificativa última para

suas ações a não ser arriscar-se no caótico mundo dos valores antagônicos<sup>4</sup>. Será que esta oposição entre estes dois mundos encontraria um correlato no próprio Nietzsche, que em um de seus textos se refere à relação entre o mundo dos fins e da vontade em oposição ao mundo dos acasos, mas é melhor que nos remetamos ao próprio texto de Nietzsche.

*“Habitamo-nos a acreditar em dois reinos, o reino dos fins e da vontade e o reino dos acasos; neste último tudo se passa sem sentido, nele tudo vai, fica, e cai sem que ninguém pudesse dizer, por quê? Para quê? – Temos medo desse poderoso reino da grande estupidez cósmica, pois aprendemos a conhecê-lo, o mais das vezes, quando ele cai sobre o outro mundo, o dos fins e propósitos, como um tijolo do telhado e nos atinge mortalmente algum belo fim: Essa crença nos dois reinos é um antiqüíssimo romantismo e fábula: nós, anões espertos, com nossa vontade e nossos fins, somos molestados pelos estúpidos, arquiestúpidos gigantes, os acasos, atropelados por eles, muitas vezes esmagados sob seus pés – mas apesar de tudo isso não gostaria de ficar sem a horripilante poesia dessa vizinhança, pois muitas vezes esses monstros vêm quando a teia de aranha dos fins tornou-se para nós demasiado enfadonha ou angustiante e proporcionam uma sublime diversão, se alguma vez sua mão dilacera a teia inteira - não que o tivessem querido esses irracionais! Mas estendem suas grosseiras mãos ossudas através de nossa teia, como se fosse ar”.* (NIETZSCHE: 2000, p.153).

Há nesta passagem do texto de Nietzsche suficientes motivos para acreditarmos que a noção de politeísmo de valores que Weber apresenta como ponto de partida para a pesquisa científica, bem como em relação aos posicionamentos políticos que o agente pode ter, ficam bem ilustradas como tributárias do pensamento nietzscheano. Assim, como ele nos demonstra a proximidade entre os fins e acasos, sendo talvez muito mais claro que a forma como Weber se apropria desta contribuição que Nietzsche legou tanto aos aspectos que se referem à epistemologia, como à ação política. Vemos, desta forma, que por mais que se queira fundamentar de forma segura a ciência sobre postulados que legitimem, tais fins de conhecimento demonstram-se como frágeis ante *“o mundo do sem sentido”*. Mundo, que tão de perto foi espreitado por Weber quando se dedicou à compreensão da sociedade moderna, interrogando, como essa sociedade chegou a ser o que é, querendo com isso mostrar a falta de necessidade que é peculiar à nossa história.

“Aprendamos, portanto, porque está mais que no tempo para isso: em nosso pretense reino particular dos fins e da razão reinam igualmente os gigantes! E nossos fins e nossa razão não são anões, mas gigantes! E nossas próprias teias são dilaceradas por nós mesmos com tanta frequência e tão estabranadamente quanto pelos tijolos!... -deve-se acrescentar: sim, talvez haja somente um reino, talvez não

---

<sup>4</sup> Para Fleischmann é um traço distintivo da personalidade intelectual de Weber, o fato de ele ter optado pela convicção nietzscheana de que é à vontade de poder que dá condições para que se possa conhecer a realidade social (FLEISCHMANN: 1974).

haja nem vontade nem fins, e fomos nós que os imaginamos. Aquelas mãos de ferro da necessidade, que sacodem o tabuleiro de dados do acaso, jogam seu jogo por um tempo infinito: têm de aparecer nele dados que parecem perfeitamente semelhantes à finalidade e racionalidade de todo grau”.(NIETZSCHE: 2000 p.154).

A oposição entre estes mundos, de acordo com Nietzsche, era um artifício dos povos antigos, para disporem de uma proteção contra as travessuras divinas, sendo uma forma de conjuração dos poderes divinos, tornando-os submissos. Já o cristianismo inverte essa relação colocando no seio deste mundo do acaso a sabedoria do deus eterno e absconditus. No entanto, o diagnóstico nietzscheano sobre a modernidade é muito mais surpreendente quanto o paradoxo cristão, pois é muito provável que exista somente um único reino. E, o outro reino tenha sido somente fruto de nossa imaginação, que precisa a todo o momento se desfazer com a mesma facilidade com que foi feito, visto que mesmo aquilo que consideramos como proposital é na verdade fruto do afrontamento de forças cegas que se dão no acaso.

É mais que oportuno dizermos, que esse texto de Nietzsche, cuja, referência julgamos adequada para ilustrar a concepção de politeísmo de valores, que perpassa a teoria do tipo-ideal em Weber, também é citado por Foucault, quando ele descreve as forças que se arriscam na história, ou a que põe em jogo. Nesta passagem ele busca banir qualquer vestígio de uma espécie de noção cristã de intenção primordial, que se atrele à história<sup>5</sup>. A história efetiva provocada pela genealogia só conhece um único reino “... o mundo da história ‘efetiva’ conhece apenas um único reino, onde não há nem providência divina, nem causa final, mas somente ‘as mãos de ferro da necessidade que sacode o copo de dados do acaso’” (FOUCAULT: 199, p. 28).

Como podemos ver, Foucault segue em sua genealogia as pegadas de Nietzsche de uma forma muito mais clara do que a evocada por Weber. A passagem de Nietzsche é propositalmente utilizada para que sejamos capazes de perceber como a concepção de tipo-ideal se comportaria diante da referência nietzscheana que, como já ressaltamos, é

---

<sup>5</sup> Os historiadores deveriam aprender com os cabalistas que, por meio de combinações das letras do nome sagrado, conjuram a tradição a expelir o novo. Eles se valem dos mais diversos pontos de emergência da tradição talmúdica e a usaram contra ela mesma, mesmo assim, fazem da cabalá uma tecnologia que a tradição não pode negar.

textualmente citada por Foucault. Pretendemos fazer mais uma referência, que ainda julgamos útil para nosso estudo de utilização de Weber e Foucault na presente pesquisa, nos referimos a um texto de Francisco Ortega “*Apêndice. Michel Foucault e Max Weber sobre o governo e direção da vida*”.

Nesse estudo Ortega compreende que o tema da “direção da vida” é uma problemática que pode muito bem aproximar ambos os autores, ainda que ele mesmo confesse que tem consciência de que suas obras tenham sentidos diferentes, mas, considerando toda dificuldade inerente a esta tarefa, a relação entre estes autores é possível. “*Meu intuito nestas páginas não consiste em apresentar todos os aspectos desta relação, mas mostrar como a concentração de Max Weber no problema da direção da vida coloca-o na proximidade da concepção foucaultiana do poder como governo*”.(ORTEGA: 1999, p45).

Para Ortega, *A ética protestante e o espírito do capitalismo* é um bom exemplo de como Weber pensava a elaboração da vida tipicamente racionalizada do homem moderno. Ortega acredita que mesmo os estudos de doutrina da ciência que Weber desenvolveu sofrem ressonâncias de sua concepção de direção da vida, isto se refere ao antagonismo de valores ao qual acima ressaltamos. Outra evidência da convergência entre ambos é seu diagnóstico sobre a modernidade, que seria orientada pela perspectiva da direção da vida. Weber veria na disciplina do homem moderno, engendrada pela ascese cristã, o modo de viver típico do ocidente, já para Foucault a sua descrição das disciplinas seria o correlato da concepção weberiana de modernidade. Bom, o esforço que aqui empreendemos, como dissemos no início, buscou somente aproximar os dois autores, na tentativa de construirmos um nexos explicativo provisório no qual em suas respectivas perspectivas sobre a história.

**Palavras-chave: História, compreensão, desencantamento do mundo, genealogia.**

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.**

COLLIOT-THÉLÉNE. Catherine. *Max Weber e a história*. São Paulo: Brasiliense.1995.

FLEISCHMANN. Eugenne. *Weber e Nietzsche*. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 1977. p137-185.In. Sociologia para ler os clássicos.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. 7ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

\_\_\_\_\_. *A verdade e as formas jurídicas*. 2ed. Rio de Janeiro: NAU Editora, 1999.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir*. 28ed.Petrópolis: editora vozes, 2004.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. ed.11. Rio de Janeiro:Edições Graal.1997.

NIETZSCHE, Friedrich.“*Aurora: pensamento sobre os preconceitos morais*” In. NIETZSCHE.Coleção “Os pensadores”. São Paulo: abril cultural. 2000.Pg.153-155.

WEBER, Max. *Metodologia das ciências sociais*. 3ed. São Paulo: Cortez, 2001.V.I.

\_\_\_\_\_, *Max. Metodologia das ciências sociais*.3ed. São Paulo: Cortez, 2001.V.II.

\_\_\_\_\_. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*.ed 3.São Paulo:Livraria Pioneira editora.1983.

\_\_\_\_\_. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*.ed 3. Brasília:editora Universidade de Brasília, 2000.V.I

\_\_\_\_\_. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*.ed 3. Brasília:editora Universidade de Brasília, 2000.V.II.

\_\_\_\_\_. *“Rejeições Religiosas do Mundo e Suas Direções”*. In. WEBER.  
Coleção “Os Pensadores”. São Paulo: Abril Cultural, 1987. .